

Editorial

Mantendo o seu escopo de estimular um trabalho vivo com a história da filosofia, em particular da filosofia alemã, os *Cadernos de Filosofia Alemã* abrem este décimo segundo número com um artigo de Christian Klotz que não apenas analisa o conceito fichtiano de pessoa, mas procura mostrar a sua presença na cena contemporânea, em que o elemento volitivo é indiscernível da compreensão da identidade subjetiva.

O segundo artigo é de Thelma Lessa da Fonseca e desenvolve uma interessante reflexão sobre a questão da verdade em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, conhecido texto do jovem Nietzsche. Ao contrário do que muitos sustentam, ela procura mostrar que já nesse texto Nietzsche rompeu com a teoria do conhecimento e está em busca de uma compreensão do impulso à verdade como um fenômeno moral, descabendo considerar, por exemplo, se ele afirma ou não a possibilidade de conhecer as coisas em si mesmas.

Assinado por Luciano Gatti, o terceiro artigo nos mostra importantes aspectos do diálogo entre Walter Benjamim e Bertolt Brecht acerca do papel do teatro na sociedade capitalista: com vistas ao esclarecimento do público e à possibilidade de favorecer a transformação social, será viável o projeto de um teatro pedagógico, tal como proposto por Brecht? É desta questão que parte Benjamim nos textos analisados por Gatti, com o propósito de sublinhar alguns aspectos críticos e anti-ilusionistas sem os quais tal papel do teatro não se deixaria cumprir.

O quarto e último texto da seção de artigos traz uma reflexão de Fernando Costa Mattos sobre a possibilidade de associar o pensamento perspectivista de Nietzsche a uma posição política democrática. Em que pese a simpatia do filósofo pelos regimes aristocráticos, a defesa da liberdade como independência espiritual, contida na noção de espírito livre segundo a análise de Mattos, seria mais compatível com o Estado democrático de direito do que com um sistema autoritário de governo.

A seção seguinte traz um texto tardio de Max Horkheimer, traduzido e apresentado por Flamarion Caldeira Ramos, em que o conhecido filósofo da assim chamada “Escola de Frankfurt” recupera o pensamento

pessimista de Schopenhauer com vistas a mostrar, em face da automatização crescente do ser humano, o quanto ele permaneceria atual, já que apresenta a “mais profunda fundamentação da moral sem entrar em contradição com o conhecimento científico”.

Na seção de resenhas, por fim, temos a análise feita por Emmanuel Cattin, da Universidade de Clermont-Ferrand, sobre o livro *Des hégémonies brisées*, de Reiner Schürmann, em que este, partindo de bases heideggerianas, acabaria por radicalizar a reflexão sobre a linguagem até o ponto de concluir que “a solidão é mais originária que o amor”.

A segunda resenha, de Antonio Ianni Segatto, debruça-se sobre o livro de Heidegger *Ser e verdade*, composto pelas preleções “A questão fundamental da filosofia” e “Da essência da verdade” e lançado no Brasil em 2007, pela Vozes, com tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Segatto procura chamar a atenção para a importância do nacional-socialismo no pensamento de Heidegger à época dessas preleções – 1933 e 34, respectivamente –, sendo visto por ele como um reflexo da luta alemã contra a não-verdade, contra o encobrimento do ser.

Dando guarida a teses tão variadas quanto o presente editorial permite entrever, esperamos que este número consiga, também aos olhos de seu leitor, provocar reações e, assim, realizar o propósito principal destes *Cadernos*, que é o de estimular o debate e a reflexão a partir da filosofia alemã.